



DA CIDADANIA CONTRA A FOME,  
A MISÉRIA E PELA VIDA - COMITÊ RIO

busca

ENVIAR

busca avançada

Assine nossa  
newsletter

- ▣ projetos
- ▣ como participar
- ▣ Ação pelo Brasil
- ▣ colunas
- ▣ especial
- ▣ notícias
- ▣ links

#### forum

Reforma da Previdência  
Clique aqui...

#### patrocínio

Patrocine  
esta idéia

Patrocine  
esta idéia

Patrocine  
esta idéia

## Especial

### Entrevista: Marcelo Néri - Chefe do centro de políticas sociais da FGV

#### Ação: Como começou o projeto do Mapa do fim da Fome?

**MN:** Quando eu ainda trabalhava no IPEA, fazíamos vários estudos sobre pobreza. Na época, trabalhando com a PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios) do IBGE, conseguimos fazer uma divulgação usando dados de alguns municípios isolados. Como trabalhamos com a PNAD de vários anos "empilhadas", foi possível olhar para alguns municípios do Rio de Janeiro com dados mais atualizados. Não todos os municípios, porque na época os dados estavam parados em 91, quando tinha acontecido o último CENSO. Então montamos uma metodologia que permitia dar informações não tão precisas, mas mais recentes.

Em 99, fizemos um lançamento do estudo, que ainda não era Mapa do Fim da Fome. Ficamos muito surpresos com a repercussão que ele causou quando foi enviado para outros estados, indicando a taxa de pobreza dos estados e dos respectivos municípios. Isso nos animou bastante porque ocorreu uma grande receptividade, uma interação e em alguns casos, até uma certa "subida de temperatura" porque os estados do nordeste tipicamente revelavam uma taxa alta de pobreza, de indigência, enfim, algumas coisas que causavam alguns problemas diplomáticos.

Quando eu vim para a FGV, resolvemos dar continuidade a esse estudo, atualizando seus dados, fazendo uma coisa mais geral, mas usando basicamente a mesma a metodologia. Esse estudo se chamou o Mapa do Fim da Fome e foi lançado em julho de 2001.

Nosso objetivo no Mapa do fim da Fome I era gerar dados espaciais de pobreza. De forma que a pessoa que morasse no município de Angra dos Reis, aqui no Rio de Janeiro ou no município de Moreno, lá em Pernambuco, soubesse, se informasse sobre a realidade social da sua localidade. Na verdade, a gente até se surpreendeu com a repercussão que o estudo teve em termos nacionais e não locais. Nosso objetivo era uma repercussão local e não nacional.

Entre os resultados, o estudo apontou basicamente dois números. Um número grande, que era o número de miseráveis no Brasil. A gente identificou, a partir de uma metodologia desenvolvida aqui no Centro de Políticas Sociais, 50 milhões de pessoas cuja renda não seria suficiente para suprir necessidades calóricas mínimas. Mas do lado desse número grande havia um número pequeno, que era o quanto cada um dos não miseráveis deveriam contribuir para que a miséria fosse erradicada. Isso levando em conta um programa perfeito de erradicação da pobreza, sem vazamentos, corrupção ou ineficiências administrativas, que a gente sabe que são problemas sérios aqui no Brasil. E o valor a que chegamos era de R\$ 15,00 por mês, que é um número bastante pequeno por cada pessoa que está acima da miséria.

Na verdade, esses dois números são duas faces da desigualdade brasileira: um número grande de pessoas com renda insuficiente para suprir necessidades básicas e um número pequeno - na percepção dos próprios não-miseráveis que na época responderam a pesquisas de opinião - com o qual as pessoas deveriam contribuir para acabar com a miséria.

#### Ação: Houve alguma repercussão, alguma iniciativa do governo lançada a partir do Mapa do fim da Fome?

**MN:** Um mês depois que lançamos o Mapa do Fim da Fome I, foi lançado o programa Fome Zero. O programa tem algumas semelhanças com o Mapa, como o compartilhamento de algumas linhas metodológicas - que eles até citam - e a proposta do "Brasil que come, ajudando o Brasil que tem fome", era também um pouco parecida com a proposta dos R\$ 15,00. É claro, essa é uma idéia tão antiga quanto a humanidade, mas é próxima nos dois programas.

Na verdade, como o estudo gerou muito debate, o lançamento da versão zero do Fome Zero foi muito envolvido nesse processo. Só que o Fome Zero adormeceu. Ele foi lançado no segundo semestre de 2001 e, para minha surpresa, não foi um tema importante da campanha presidencial. O Brasil só foi acordado para essa questão de maneira mais consistente no discurso da vitória do Lula. Acho que foi até um mérito dele. Ele conseguiu projetar, colocar de forma mais consistente na agenda, essa questão que, obviamente, não é nova, é uma questão que a Ação da Cidadania já vem colocando desde 92.

#### projetos

BRASIL SEM  
FOME

Armazém de  
Cultura e Cidadania

NATAL  
SEM  
FOME

Espeto de  
Construção  
da Cultura

CLIMEX

#### Ação e reação contra miséria

Leia o texto de Betinho sobre a luta contra miséria

▣ colunas



- projetos
- como participar
- Ação pelo Brasil
- colunas
- especial
- notícias
- links

## fórum

Reforma da Previdência  
Clique aqui...

## patrocínio

Patrocine  
esta idéia

Patrocine  
esta idéia

Patrocine  
esta idéia

## Especial

### Entrevista: Marcelo Néri - Chefe do centro de políticas sociais da FGV

**Ação:** Na época do lançamento do Fome Zero, o senhor comentou que o governo não deveria estar se fixando totalmente no projeto, que seria necessário dar ênfase a outros projetos como os direcionados a área de educação. Como seria isso?

**MN:** O que eu acho é que, na verdade, o Mapa do Fim da Fome tinha, além dos dois números que eu já mencionei, uma mensagem. Nosso objetivo central, além da discussão local, era a idéia de adoção de metas sociais. Da mesma forma que, na época, começou a entrar em voga a adoção de metas de inflação, porque não você poderia ter metas de redução de miséria ao longo do tempo? Esse era o nosso objetivo central.

Então surgiu o Fome Zero, que tinha um pouco esse tom de mobilização da sociedade, próximo da idéia das metas sociais. Mas ao mesmo tempo, da mesma forma que o Mapa do Fim da Fome, ele é um corte, um aspecto do problema. Acho que às vezes se tenta atribuir ao programa mais do que ele tem pra dar.

Acho que o Brasil é um país que precisa sim de políticas compensatórias, apesar de muitas pessoas falarem que políticas compensatórias não resolvem o problema. É verdade, a característica delas não é resolver o problema, é ter a velocidade de saciar as necessidades, a fome de quem precisa. E acho que o Fome Zero é um projeto específico para isso, que depois, na minha percepção, teve alguns "penduricalhos" incluídos, como o fato dele ser estrutural também. Coisas que não foram muito bem definidas. Enquanto eu acho que o ponto forte dele é o aspecto compensatório, é seu aspecto central. Acho que o Fome Zero é realmente uma campanha, uma atuação do Estado no sentido de transferir recursos para serem convertidos em alimentação. Obviamente, com o Fome Zero, o combate a miséria, como o Maurício sempre coloca, é hoje um problema assumido muito mais fortemente pelo Estado. Mas acho que existem algumas coisas que o Fome Zero tenta fazer e que a sociedade civil já faz há muito tempo e tem vantagem comparativa. O programa está até criando uma ONG para distribuir seus recursos, então eles estão, no fundo, inventando um modelo que já existia há dez anos e era bem-sucedido.

Acho que, apesar dessas críticas, a primeira e mais importante crítica é altamente positiva, porque foi através do Fome Zero que uma conscientização maior sobre o assunto, acho que comparável ao trabalho que o Betinho fez em 2002. Agora, eu acho que a forma que o programa está sendo feito é passível de algumas sugestões. Acho, por exemplo, como muitas pessoas estão falando, que é complicado você querer obrigar as pessoas a gastarem os recursos recebidos só com alimentação. Eu discordo, acho que as pessoas devem ter, até por uma questão de cidadania, sua liberdade de escolha preservada. Acho que um programa que no seu desenho inicial já cria a figura do fiscal e para o seu funcionamento precisa de um fiscal motivado durante muito tempo, é um aspecto que não dá muito certo. Acho que o norte do programa está correto, agora quanto à trajetória para chegar a este norte, eu tenho alguma discordâncias.



- projetos
- como participar
- Ação pelo Brasil
- colunas
- especial
- notícias
- links

## fórum

Reforma da Previdência  
Clique aqui...

## patrocínio

Patrocine  
esta idéia

Patrocine  
esta idéia

Patrocine  
esta idéia

## Especial

### Entrevista: Marcelo Néri - Chefe do centro de políticas sociais da FGV

**Ação: Como surgiu a idéia de fazer o Mapa II? Qual é o objetivo dele?**

*MN:* Primeiro é lançar mão da nova safra de dados, do CENSO 2000, que acabou de ser disponibilizada. Eles vão permitir - já permitiram, na verdade - que a gente faça um levantamento da miséria e de outros aspectos das condições de vida a nível ainda mais detalhado. Comparando com o que fizemos no Mapa do Fim da Fome I, é como se aquele fosse uma televisão em preto-e-branco e este, pela virtude dos dados CENSO, uma imagem com definição digital: você consegue traçar retratos, mapas da sociedade brasileira em muito maior nível de detalhe. O Mapa II envolve até a dimensão inframunicipal, as regiões administrativas. Por exemplo, com o estudo sabemos que a região administrativa de Botafogo é aquela que apresenta a menor taxa de miseráveis no Rio de Janeiro. 3,14% da população dessa região é de miseráveis, enquanto no Brasil esse número é dez vezes maior que isso.

Mas o objetivo fundamental é localizar a discussão. Acreditamos que o cidadão comum está mais preocupado com o que acontece na sua cidade, no seu bairro, do que com o que acontece no seu estado, no país. É uma questão de contexto, você pertence a um lugar e você está mais preocupado com o seu entorno. Isso, obviamente, nem sempre é desejável, mas é uma informação que a população deve ter acesso. Digo que não é desejável porque os estados mais pobres do país não podem ser deixados para resolver esses problemas por conta própria, tem que haver uma solidariedade nacional.

Outro ponto importante é que vamos procurar, assim como fizemos no Mapa I, não olhar tanto o lado da miséria na visão dos miseráveis. Os miseráveis sabem melhor do que ninguém as condições de vida deles. O que a gente quer é informar aos não-miseráveis não só que existe essa situação, mas o que eles podem fazer a respeito. Porque quando você conversa, a partir de dados estatísticos, com pessoas de diversos segmentos da sociedade, as pessoas se surpreendem. Muitos acham que o miserável é aquele que ganha dois salários mínimos por mês quando na verdade existem pessoas muito mais miseráveis do que isso.

O estudo, então, procura de alguma forma informar os não-miseráveis, tentando explorar o que talvez seja a única vantagem da alta desigualdade brasileira. Acho que a desigualdade é a principal marca brasileira, da mesma forma que a violência está para a Colômbia e a discriminação racial estava para a África do Sul. Mas, ao mesmo tempo que ela nos envergonha, ela é um trunfo, porque você pode combatê-la através de transferência de renda. Coisa que você não iria conseguir fazer em um país, por exemplo, como a Índia, onde o índice de desigualdade é a metade do brasileiro. Lá, você vai conseguir combater a miséria especialmente através do crescimento. No Brasil, além do crescimento - que é um caminho importante - você pode ter mudanças políticas que combatam frontalmente a desigualdade. Ela acaba sendo um grande aliado no combate a miséria.



- ➔ projetos
- ➔ como participar
- ➔ Ação pelo Brasil
- ➔ colunas
- ➔ especial
- ➔ notícias
- ➔ links

## Especial

### Entrevista: Marcelo Néri - Chefe do centro de políticas sociais da FGV

**Ação:** Além da maior profundidade deste novo estudo, quais as principais diferenças entre os dois Mapas?

*MN:* O estudo está sendo feito no Brasil a nível de estados, para ter um nível de comparabilidade. Queremos ver como o estado do Rio se situa entre os outros estados. E depois a gente faz um zoom no estado do Rio de Janeiro e olha para os municípios. Depois, olha dentro de alguns municípios, particularmente o do Rio de Janeiro, para as regiões administrativas. Então essa é uma característica nova, essa maior especificação espacial.

Estamos fazendo também um upgrade tecnológico. A gente está desenvolvendo um software que vai permitir a cada um fazer o seu mapa. É um software livre que vai permitir a cada um interagir com os mapas, mudar a escala, mudar a cor, sobrevoar literalmente o mapa, entre outras coisas. Vamos também elaborar uma forma para o Mapa estar disponível na Internet. A nossa intenção que esse trabalho esteja disponível no site da Ação da Cidadania e no da Fundação. Com isso, as pessoas do outro lado do mundo vão conseguir saber mais sobre os nossos estados.

Outra diferença importante é que o Mapa II é um conjunto bem mais amplo de informações que vai exigir até uma divulgação em etapas. A gente vai explorar várias informações, como, por exemplo, quais são as fontes de renda dos miseráveis, dos não-miseráveis. Esse vai ser o Mapa das fontes de renda das pessoas. Vai ter também um Mapa dos ativos que as pessoas possuem, incluindo não só moradia, automóvel, eletrodomésticos, acesso a serviços públicos, mas também o capital humano, acesso à educação, entre outras coisas. Além disso, vamos fazer um Mapa das características sociais básicas das pessoas. Também um mapa da diversidade, onde a gente vai olhar certos grupos que não são minorias, mas que são tradicionalmente excluídos, e discutir qual a importância deles nas diferentes localidades. Por exemplo, vamos ver a importância dos afrodescendentes, dos índios, das mulheres, das crianças, dos idosos, dos portadores de deficiência, das pessoas excluídas da escola, das pessoas excluídas digitalmente. Vamos ver sua importância tanto entre os miseráveis quanto na população total e então analisar a diversidade nas diversas regiões. A idéia é informar às políticas públicas - não querendo dizer só as exercidas pelo Estado, mas do Estado em parceria com a sociedade ou a sociedade civil por conta própria - sobre quais são carências e quais são as potencialidades de cada lugar.

Na verdade, eu acho que o Mapa II tem uma visão mais pra estoque de riqueza e menos para fluxo de carências. Ele olha mais para oportunidades, ele procura subsidiar com informações e pensar a realidade dos vários locais dentro de uma perspectiva de prazo mais longo. Isso incluindo também o curto prazo, porque a gente sabe que não adianta pensar o longo prazo se as pessoas não sobrevivem, não conseguem chegar de uma maneira minimamente digna no longo prazo. Mas, a gente está olhando mais para essa dimensão de longo prazo do que o Mapa I olhou.

**Ação:** E os dados usados são os mesmos? Os fornecidos pelo CENSO?

*MN:* Entre outros. Temos a PNAD, a Pesquisa Mensal do Emprego (PME)... A PME é importante porque são dados que permitem um acompanhamento mais fino, mais recente do que o Censo que parou em 2000, e do que a PNAD que parou em 2001. Se tudo correr bem, a PNAD 2002 vai ser incorporada, mas os dados ainda não estão disponíveis. A PME, que é mensal, permite ter uma visão mais recente e de mais alta frequência sobre como evoluiu a pobreza e a insuficiência de renda. Ela permite atualizar e, de alguma forma, também entender melhor os dados. Dando um exemplo de como isso funciona: quando olhamos os dados mensais sobre a evolução da miséria depois do Real, a gente viu que grande parte da redução da miséria que houve depois do Real se deu em maio de 95. Só nesse mês, a miséria, pela PME, caiu 16% na região metropolitana do Rio. Depois, vimos que tinha havido um grande aumento de salário mínimo nesse mês. Com isso, conseguimos identificar melhor o papel do aumento de salário mínimo na sociedade naquele mês. Esses dados permitem isso.

#### forum

Reforma da Previdência  
Clique aqui...

#### patrocínio

Patrocine  
esta idéia

Patrocine  
esta idéia

Patrocine  
esta idéia

- ➔ projetos
- ➔ como participar
- ➔ Ação pelo Brasil
- ➔ colunas
- ➔ especial
- ➔ notícias
- ➔ links

### fórum

Reforma da Previdência  
Clique aqui...

### patrocínio

Patrocine  
esta idéia

Patrocine  
esta idéia

Patrocine  
esta idéia

## Especial

### Entrevista: Marcelo Néri - Chefe do centro de políticas sociais da FGV

#### Ação: Em que ponto está o Mapa II?

*MN:* Estamos na fase de processamento dos dados. Na verdade, já até fizemos uma apresentação na semana passada junto ao município, no Conselho de Informações Estratégicas da Cidade, junto com o Maurício, visando o Cadastro Social Único. Além disso, estamos desenvolvendo o software e trabalhando as estatísticas. Temos um acervo de informações bastante considerável e devemos divulgá-lo de forma mais homeopática. Vamos nos preocupar com a capacidade das pessoas de absorverem as informações e trabalhar a qualidade desse processo. A idéia, nos próximos dois meses, é dar um embasamento à campanha natal Sem Fome, trazer um olhar da universidade, uma interação maior com a sociedade. Acabar com a idéia Universidade como torre de Marfim.

Acho que é uma capacidade de você informar a sociedade de maneira mais ampla, fazer essa ponte com o cidadão comum e eu acho que é a grande contribuição do trabalho: Informar as pessoas para que elas possam olhar pra miséria e pra riqueza da sua localidade a partir dessa localidade. Tem uma frase que eu gosto muito do Milton Santos que ele diz: "O homem não vê o universo desde o universo, o homem vê o universo desde um lugar". E certamente não é só à geografia que ele parecia se referir, e sim a um lugar na sociedade. Na verdade, tem os miseráveis e os não-miseráveis que são diferentes em cada local, sob vários atributos. Então a gente quer municiar, essa questão do combate a miséria tanto daqueles que doam quanto daqueles que recebem. Aqueles que recebem são protagonistas do seu caminho para fora da miséria. A gente quer municiar, informar a sociedade, tornar pública essa informação. Essa eu acho que talvez seja o nosso principal objetivo.

#### Ação: O que o senhor espera da parceria com a Ação da Cidadania?

*MN:* Acho que é uma interação interessante para gente. Traz uma diversidade muito grande - ao mesmo tempo que temos visões que nos unem, existem ângulos que se complementam. A gente já tinha tido uma experiência desse tipo no começo do ano, quando fizemos uma parceria com o Comitê da democratização da Informática (CDI), para fazer o Mapa da exclusão digital, mas agora é diferente. O Mapa do Fim da Fome é uma abordagem estatística muito mais ampla. Mas os dois têm pontos comuns sim, não só na metodologia, mas também nessa parceria ONG-Universidade. É a possibilidade de se ter uma visão mais independente da questão da miséria, que é uma questão que muitas vezes é tratada de forma muito partidária, muito em meio a disputas políticas. Então, acho que uma visão de fora, de quem não faz parte de governo, nem de partidos políticos, é interessante. Tentamos manter isso em nossos trabalhos, desde o início. Nosso lema é essa liberdade, ou como eles dizem em inglês, "no strings attached". Não temos nenhuma cordinha nos segurando. Por que isso acontece mesmo nessa área. Quando você fala da quantidade de miseráveis, isso atinge interesses. De alguma forma, a gente acha que é importante manter esse distanciamento em relação a uma esfera política particular.

Além a diversidade de visões é interessante, porque nós não atuamos na ponta da pobreza. É diferente da Ação da Cidadania que tem uma ação operacional. A nossa atuação é uma atuação de informar a sociedade, orientar. Dar o mapa para os diversos agentes da sociedade, embora a gente saiba que quem vá escolher seu trajeto é cada agente, cada ator social. Acho que estamos num momento em que a sociedade brasileira está se debruçando sobre essa questão de uma maneira muito forte, talvez ainda não suficientemente forte, mas mais forte do que se debruçava anteriormente. Então é uma possibilidade de ajudar na transformação da sociedade, mas de um lugar que a gente tem capacidade de contribuir: através do levantamento os números, trabalhando com grandes quantidades de informação e ajudando a pensar estratégias de superação da miséria desde uma perspectiva independente, desde uma perspectiva de quem olha para números sob uma ótica particular. Acho que essa sinergia entre diferentes visões é talvez o principal elemento que mais nos atrai nessa parceria.

Agora, eu não tenho muitos planos de vôo, não. Quando a gente lançou o Mapa da Exclusão Digital, a gente levantou aquele conjunto de informações interagiu com o CDI, aprendendo muito na interação. Não era uma realidade pronta. Você tem que mostrar números, vai mostrar mapas, vai mostrar retratos e aprender muito durante o processo. Não queremos um tom de monólogo, queremos trazer informações que não faziam parte do conjunto de informações das pessoas, informações estatísticas, e temos vontade de interagir, de aprender, ao longo do processo. Quer dizer, a gente não tem uma expectativa muito precisa e acho que isso é uma virtude.



## Especial

- projetos
- como participar
- Ação pelo Brasil
- colunas
- especial
- notícias
- links

### fórum

Reforma da Previdência  
Clique aqui...

### patrocínio

Patrocine  
esta idéia

Patrocine  
esta idéia

Patrocine  
esta idéia

## Entrevista: Marcelo Néri - Chefe do centro de políticas sociais da FGV

### Ação: Como você vê o cadastro social único?

**MN:** Acho que é uma questão fundamental. Acho que a principal contribuição do Mapa II é informar a sociedade, só que uma característica importante dessas bases de dados que a gente usa é que as pessoas não têm um nome, que tem que ser resguardado em função de sigilo. Você sabe a localidade, as características das pessoas, mas a pessoa não tem um nome, um endereço. Então o cadastro se torna uma informação fundamental para a operacionalização da política social e acho que é uma forma de você tentar racionalizar melhor o uso de recursos, de decidir, na prática, como você vai chegar ao miserável.

A reunião que a gente teve entre vários atores da sociedade, vários níveis de governo, organizada pelo Maurício no SESC mais ou menos há uns dois meses atrás, foi muito interessante por causa da quantidade de opiniões que surgiram. Discutindo o assunto foi possível ver soluções para a realização do cadastro. Interagindo você começa a ver, a perceber que o cadastro único é um dado fundamental para a sociedade saber não só como distribuir os benefícios sociais, mas também não permitir que uma família receba muitos benefícios, enquanto outra não recebe nenhum. Ele é importante para tornar mais equânime essa distribuição na prática, mais imune a escolhas políticas, a ciclos políticos, que é o que acontece.

Mas o cadastro pode também gerar informações. Acho que com um bom cadastro social unificado e com cartões magnéticos, por exemplo, você consegue fazer políticas de micro-crédito muito melhores, em vários sentidos, do que você fazia antes. Hoje em dia, você saberia, com um bom cadastro, onde está o pobre, uma pessoa do setor informal, que não tem contracheque, não tem formação nenhuma nem documentos, e transformar esse cartão social num cartão de micro-crédito para o pobre. É uma realidade que você não tinha antes.

Estou muito otimista quanto a esse assunto, esperando, não sabendo muito bem onde a gente vai chegar, mas eu sei que a gente vai conseguir avançar bastante. E acho que a gente tem uma condição efetiva de contribuir para o desenho da política social, da política pública no sentido amplo, principalmente nesse momento. Ficou muito claro nessa reunião do cadastro social único que o momento é histórico, você não pode perdê-lo. É uma oportunidade de se avançar, de mudar para um outro patamar, de maneira definitiva, da discussão.

Há, é claro, que se ter cuidar de não voltar ao patamar anterior frustrado. Acho que esse é um risco que existe. Mas eu sou otimista, acho que a sociedade brasileira tem uma capacidade de resolver esse problema desde que se indigne com a indignância, desde que perceba que do lado da miséria existe riqueza. Acho que existe uma nova geração de políticas sociais surgindo. A tecnologia também é uma aliada muito forte nesse processo. Você consegue hoje em dia fazer política social de uma maneira, desde que você tenha vontade política, muito melhor há dois três anos atrás. E é até uma expectativa desse projeto gerar vários tipos de contribuição no desenho da política social, de como fazer o cadastro, de levar essa discussão à público. Acho que essa é um segundo bloco de contribuições desse projeto.

### Ação: Como está a repercussão do projeto junto à população?

**MN:** Acho que há uma mobilização grande, mas não acho que quanto mais mobilização melhor. Porque quanto mais mobilização, mais cobranças, mais expectativas e às vezes, um excesso de expectativa. Eu acho que o Fome Zero teve um certo problema de expectativas muito altas, muito rapidamente. Acho até que é corajoso um governo falar de 44 milhões de miseráveis e ter um programa com o nome Fome Zero. Já existe implicitamente uma meta de erradicar o problema. Acho que isso é ousado, interessante, mas é importante saber como se faz isso ao longo do tempo.

Houve uma grande mobilização, sim, em torno do projeto, mas eu sou um entusiasta no atacado e um crítico no varejo do Fome Zero. Acho que a forma de se fazer poderia ser muito aprimorada, não só por entrar em coisas que a sociedade civil já fazia, mas algumas coisas são uma volta ao passado. Acho que a gente deveria estar olhando para frente para o futuro, junto a novas tecnologias. Eu acredito que os tempos atuais de globalização têm vários custos, então você tem que "saber transformar o limão em limonada", saber aproveitar o lado difícil da globalização e transformar num lado positivo.



- ➔ projetos
- ➔ como participar
- ➔ Ação pelo Brasil
- ➔ colunas
- ➔ especial
- ➔ notícias
- ➔ links

#### fórum

Reforma da Previdência  
Clique aqui...

#### patrocínio

Patrocine  
esta ideia

Patrocine  
esta ideia

Patrocine  
esta ideia

## Especial

### Entrevista: Marcelo Néri - Chefe do centro de políticas sociais da FGV

**Ação:** Qual seria o papel da sociedade nesse projeto?

*MN:* Acho que o papel da sociedade é atacar o problema. Mas cada um tem uma forma de atacar o problema. Por exemplo, no mapa I, concretamente, tínhamos a meta dos R\$ 15,00 por mês. Outra maneira seria saldar à vista sua parcela de dívida social e transferir estoques e não fluxos. Outra ainda é o trabalho voluntário. Estamos fazendo até o cálculo de qual é o tempo que cada pessoa deveria contribuir, avaliado a partir de sua renda/hora, para saldar sua dívida social. Seria o equivalente aos R\$ 15,00 em termos de trabalho.

Agora, eu acho que a grande contribuição que cada um pode ter varia de cada um. Qual o seu papel? Depende. Acho que um médico tem uma forma, um estatístico tem outra forma, cada um dá aquilo em que é bom. Obviamente aquilo tem que servir à causa, não basta ter alguma coisa para oferecer. Acho que a sociedade brasileira tem que se envolver mais com essa questão, não só pela mobilização, porque às vezes o que acontece é que essa mobilização é fugaz. Acontece e depois adormece. Acho que é importante dar persistência ao foco e é importante reconhecer a diversidade daquilo que cada um pode contribuir, daquilo cada um quer ou precisa receber e do que a própria pessoa pode se ajudar nesse processo de saída da miséria. Uma pessoa que tem alta educação e é miserável por causa da própria história de vida dela, ou vamos dizer um camêlo, um trabalhador por conta própria, talvez precise menos de doação e precise mais de crédito, enquanto uma pessoa que é completamente desprovida de capacidade de se sustentar, mesmo em termos potenciais, essa pessoa precisa de doação mesmo.

Acho que o Brasil é um país muito grande, de dimensões continentais, muito desigual e muito diverso. Então é importante olhar os nuances disso. Obviamente, no projeto, a gente não tem a possibilidade de dar um retrato para cada pessoa, o cadastro faria isso melhor. Mas a gente pode saber que existem grupos que são claramente excluídos. Para citar um, acho que as crianças são bastante excluídas da sociedade brasileira. 45% dos miseráveis têm 15 anos ou menos de idade. Certamente não por coincidência são pessoas que estão fora da idade de voto, que tem menos poder de pressão. Outros exemplos: os afro-descendentes são 44% da população e são mais 65% dos miseráveis do Brasil, 57% dos miseráveis moram em famílias chefiadas por trabalhadores informais. A partir do projeto, você não vai ter uma criança com o nome x. Você vai ter criança, afro-descendente, cujo pai é trabalhador informal, que está numa situação de risco social maior. É esse tipo de informação que a gente quer municiar.

Isso sem esquecer de levar ao nível dos municípios. Porque, às vezes, crianças afro-descendentes, cujos pais são informais, situadas na região x ou z, têm realidades que podem ser diferentes. Então, um pouco que o estudo está querendo fazer é mapear se essa pessoa tem educação, se ela tem casa própria, que tipo de renda ela recebe. A gente vai ter a nossa interpretação, junto com a Ação. Acho que nenhum país tem no combate a miséria via combate à desigualdade tanta chance de dar certo quanto no Brasil. O Brasil, como eu disse, é o país da desigualdade, mas é o país onde o combate a miséria pode ser feito rapidamente.

**Ação:** A partir do momento que tiver mobilização, juntando o fato do Brasil já ter essa maior facilidade por causa da grande desigualdade, o que falta para acabar com a miséria?

*MN:* Vontade política. Acho que se você olhar a série de desigualdade no Brasil, elas parecem um eletrocardiograma de um morto, não mudam. A gente está há três décadas no pódio da desigualdade mundial. A sociedade brasileira tem uma inércia, uma desigualdade inercial. Ou seja, a desigualdade é alta, porque era alta no passado. Existe um tipo de resistência da sociedade brasileira a combater essa desigualdade. Acho que a gente não pode se iludir, as coisas não são fáceis.



## Especial

- projetos
- como participar
- Ação pelo Brasil
- colunas
- especial
- notícias
- links

### fórum

Reforma da Previdência  
Clique aqui...

### patrocínio

Patrocine  
esta ideia

Patrocine  
esta ideia

Patrocine  
esta ideia

## Entrevista: Marcelo Néri - Chefe do centro de políticas sociais da FGV

**Ação: Mas, agora, com toda a mobilização, o senhor não acha que essa situação pode mudar?**

*MN:* Acho que sim, mas acho que o importante é escolher os bons caminhos e acho que os bons caminhos dependem das perspectivas de cada um. Acho que a vontade é fundamental, mas se escolhermos caminhos errados, não dá em nada. Por exemplo, veja o que acontece no programa do primeiro emprego. Acho que é um programa importante, já que os jovens, nessa faixa de 16 a 24 anos, realmente estão sem perspectivas, não conseguem entrar no mercado de trabalho, à margem da violência. Os brasileiros em geral afirmam que os principais problemas com que os brasileiros convivem são problemas de jovens. Então, mais uma vez, o norte está certo. Agora eu pergunto, será que se deveria estar subsidiando uma firma para contratar esses jovens - dando subsídio ao capital para contratar trabalho - ou será que não se deveria estar subsidiando esse jovem para continuar o estudo? Com 16 anos, no Brasil, as pessoas não têm um nível de educação razoável. Na minha opinião, eu acho que você deveria pagar pra ele estudar. Criar não um primeiro emprego, mas sim uma segunda bolsa-escola. Ou o que seria melhor, dar a opção para ele. Eles poderiam optar por não se colocar no mercado de trabalho, permanecer mais tempo ou voltar aos bancos escolares e com isso reduzir a pressão para o mercado de trabalho. E com isso você poderia conseguir uma melhor oportunidade para outros membros, como o chefe-de-família. Porque esse tipo de programa pode gerar um efeito ruim, em que você contrata o jovem e tira o emprego do chefe-de-família. Isso é um exemplo, que é paralelo ao Fome Zero, quando o norte está correto, mas o caminho não.

Acho que o que acaba acontecendo, o que aconteceu com o Fome Zero, é que você aprende uma vez que o programa está na rua, depois que foi anunciado. E isso é uma coisa muito desagradável porque não dá pra criticar de maneira nenhuma uma ação com essa natureza. No atacado a crítica é positiva, mas certas coisas não fazem muito sentido. Se um debate mais franco tivesse acontecido, você aprenderia isso com maior antecedência e resolveria melhor os problemas. Você não desperdiçaria essa mobilização da sociedade. Então uma crítica que eu faço é essa, que debate é esse que a gente está tendo? É um debate franco? Eu acho que não.

Acho que se pode melhorar muito esse aspecto, o da mobilização. Não é pensar a quantidade de mobilização, e sim a qualidade dela. É tratar a cidadania no sentido da troca de informações, troca de opiniões. Entendo que estar governo é complicado, mas acho que é muito importante esse tipo de debate, essa sinergia e acho que está havendo pouco disso. Pelo nível de mobilização que estamos tendo, aparentemente, acho que vontade existe, mas a forma de fazer isso talvez não seja a melhor.

Eu acho que esse é o momento em que a gente pode dar um lance, mas ele não está de maneira nenhuma garantido, e a gente não está nem no melhor caminho. Isso na minha visão. Obviamente, cada um tem sua visão. Na minha, acho que a gente teria alguns atalhos, alguma maneira de alocar toda essa energia que o momento inspira de forma mais eficiente. A gente poderia andar mais pra frente, mais rápido de uma maneira mais persistente.